

Capítulo 19

Diante da morte

A morte é um enigma que todos procuram desvendá-la. Desde tempos imemoriais, o homem busca respostas sobre a morte. E como ela que se esconde para não revelar a sua verdadeira face. Mas é preciso entrar no mundo dos espíritos para poder descobri-la, insofismável e sorridente, a nos dizer que ela não existe, apenas muda-se de corpo.

Quando “morri”, e o cortejo funeral me levou ao túmulo, senti um arrepio. Era difícil me identificar. Aquilo não era eu, era apenas um corpo que refletia a minha imagem. Eu estava aqui, perfeito em minhas faculdades, embora meio cambaleante com aquela situação toda inusitada para mim.

Os meus primeiros passos em busca do “céu”, como já descrevi, foram de descobertas constantes. Não me via ali como um noviço, é bem verdade, mas estava reentrando nos braços do Senhor, e a experiência, embora nova, era reveladora de muitas surpresas. Além dos conhecidos que ia encontrando no caminho, pude perceber sensações novas, bem diferenciadas daquelas que o corpo físico pode imaginar submeter-se.

O novo e o inusitado ganham naturalmente admiração dos sentidos. Sentia-me como uma criança que

começa a tatear e descobri a maravilha de poder deslocar-se de lá para cá sem a ajuda de ninguém: é a inolvidável sensação de liberdade que o lápis não consegue descrever por mais que tentasse.

A morte é a entrada para a verdadeira vida. Não posso descrever as incríveis sensações e paisagens que pude usufruir, mas dá-nos um prazer incomensurável. Digo isto, nestas linhas, para tentar desmistificar o mistério da morte e os medos naturais que a maioria das pessoas possui pelo desconhecido.

A morte me fez bem. Meu corpo já não cabia em mim nos últimos tempos, morrer foi um alívio e viver a vida do espírito, até agora, tem sido um aprendizado constante. Até para escrever estas linhas, pelas mãos de um médium, é sempre uma descoberta a mais. Provar que a morte não existe, que é adentrar num mundo diferente e maravilhoso tem sido um dos meus propósitos de vida desde que assumi meus plenos “poderes” no mundo de cá.

A morte precisa ser encarada com naturalidade, porque assim que ela é. Não tem mistério quando se chega ao mundo dos espíritos. Instrutores bondosos e amigos que fizemos na Terra vêm ao nosso encontro o tempo todo, para dizer como as coisas se processam e ajudam-nos, cada vez mais, na adaptação à verdadeira vida.

Hoje estou mais acostumado. O tempo é senhor para fazer com que vejamos as coisas do lado de cá com muita naturalidade. É claro que dá uma certa saudade, de vez em quando, e volto, com a devida permissão de meus instrutores, a rever os amigos e conhecidos que, muitas

vezes, chamam pelo meu nome. E isso é um fenômeno estranho e interessante. Os apelos que fazem ao meu nome de alguma forma eu os escuto e fico prestando atenção. Aquilo que não posso atender, porque a minha condição aqui não é privilegiada, eu rogo ao Pai Amantíssimo para interceder positivamente na vida daqueles que pensam que eu posso executar coisas que só dizem respeito a eles mesmos, na maioria das vezes.

Morrer não é traumático, pelo menos para aqueles que estão confiantes em entrarem nos braços do Senhor. Para aquele que não teme a morte, que confia sinceramente o que reza as Escrituras Sagradas, a morte não deve causar qualquer tipo de medo. Agora, para aqueles que teimam em contrariar o verdadeiro sentido da vida – que é a promoção do bem entre as pessoas – então devem se preocupar mesmo, porque o que reina por aqui é o vínculo das afinidades.

Pelas minhas companhias na Terra, pelos meus pensamentos e atos, por minha postura de me inclinar para o bem, tive a benevolência do Pai em entregar-me nas mãos daqueles amigos e irmãos que partiram antes de mim e que vieram, de braços abertos, a dar-me boas vindas. Quando me lembro disto, choro comovido por estas oportunidades indescritíveis que o Nosso Senhor me reservou. É deveras muito gratificante rever os afetos e comprovar o que pregamos por toda a nossa vida: que a morte não existe.

Meus queridos irmãos, consolai àqueles que choram com a perda de seus entes queridos. Buscai ajuda no Alto para incentivar aos que aqui ficaram a crença de que a vida

continua e se alguém retornou é porque foi com o consentimento de nosso Pai que só deseja o melhor para seus filhos. Confiai na mão bendita de Nosso Senhor Jesus Cristo que tudo vê e que zela sempre por nós. Não há ninguém que fique no desamparo, porque a mão do Senhor é amorosa e todos os seus filhos haverão de ser assistidos, mesmo e principalmente, na hora final.

Queira Jesus que haja um tempo em que a morte seja encarada com muita naturalidade e tenhamos prazer em morrer, porque teremos a consciência tranqüila que fizemos o nosso melhor enquanto aqui estivemos e que mais além nos espera um outro rol de oportunidades para dar, cada vez mais, plenitude à vida, que incessantemente pulsa em nós, pois somos imortais, em nos alertar que os filhos da Vida não podem deixar jamais de existir.

Capítulo 20

Após a morte

A morte quando bate à nossa porta não há como remediá-la. Tudo que podemos fazer é aceitá-la e aprender com ela. A morte não é esse bicho feio que tanto se quer incutir nas nossas mentes, é um fenômeno natural e como tal deve ser encarado por todos. O medo do desconhecido faz com que muitos tenham verdadeiro temor da morte, mas não é bem assim o quadro que se passa após a morte.

A morte é um reencontro com a casa do Senhor, a casa do espírito do Senhor. Sem a consciência de que prosseguimos noutra forma de existir pouco adiantará pensar e entendê-la.

A morte nos trará novidades sempre. Por mais que alguém esteja razoavelmente bem informado das coisas espirituais, haverá sempre de aprender algo mais. Eu mesmo tinha uma noção da morte bem particular. Imaginava os anjos do Senhor a me buscar e levar-me para reverenciá-Lo. Era um velho sonho de menino que ganhou formas como homem feito. Não tive a decepção quando aqui cheguei, porque tudo me pareceu bem lógico e natural. A “tal vida, tal morte” que tanto falamos guarda lá o seu fundo de verdade.